

## Apresentação

Esta edição da *revista Opinião Filosófica* dedica um dossiê para problematizar a relação entre o pensamento filosófico no enquadramento da Lusofonia. Trata-se, portanto, de buscar o enlace epistemológico entre a especulação filosófica tendo como baliza a *démarche* linguístico-cultural e a mobilização (ambígua e conflitante, diga-se à partida) do passado histórico. Afinal, sabe-se, por um lado, o quanto os meandros da política e da economia coloniais influenciaram a dispersão da Língua Portuguesa pelo mundo. Sabes, por outro, que será a partir da estruturação semântica da língua que a chamada “realidade” se manifesta enquanto constructo filosófico e como significado cultural. Através deste prisma não será difícil perceber que a cada contexto de uso da língua opera em reciclagem contextual. Este reuso semântico-político abre-se para um sem-número de mesclas e hibridismos culturais. E quando olha-se para a difusão da Língua Portuguesa pelo mundo – em Portugal, Brasil, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Timor Leste, Guiné-Bissau, Angola e Moçambique, mas também em diferentes partes de outros países como Goa (Índia), Macau (China) e a Guiné-Equatorial recém integrada na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa –, percebe-se nitidamente as potenciais dobraduras de significados e as múltiplas facetas que o pensamento filosófico se depara quando abre-se como viés especulativo sobre os questionamentos universais atinentes ao *cogito*. Nesse sentido e com este desiderato foram acolhidos os trabalhos que compreendem a presente edição.

Flaviano Lourenço Kambalu apresenta em *O conceito de pessoa e a metafísica da unidade africano* a necessidade de atenção

para o diálogo entre a tendência da metafísica e a questão da unidade da pessoa humana em seu desdobramento relativo ao contexto africano, marcado, como se sabe, pela diversidade cultural e linguística. Somente tendo a abertura para o diálogo intercultural no âmbito filosófico-linguístico poder-se-á pensar numa adequada superação dos preconceitos e desentendimentos historicamente marcados em busca da concórdia e do respeito.

Por sua vez Nlandu Matondo Faustino, em *A colonização, uma referência historicizando do discurso sobre a descolonização de África: uma provocação a partir de Franz Fanon*, traz o pensamento do grande pensador martinicano autor de *Os Condenados da Terra* entre outras obras referenciais. Conforme salienta Faustino, trata-se de perceber o caráter estruturalmente violento da colonização europeia no continente africano, bem como o caráter de despersonalização que o apanágio de uma dita “civilização” empreendeu à outras formas de viver e de perceber a existência, marcadamente as próprias dos povos africanos.

Em “*O que é aprender*” e com quem aprender numa educação liberal em África Inácio Valentim volta-se, por sua vez, aos desafios relacionados ao processo de ensino-aprendizagem tendo como preocupação a questão da alteridade. Tendo como premissa a disponibilidade para o outro e suas diferenças de língua, cultura, memória e cosmologia, percebe-se que o ato de ensinar é essencialmente um ato de aprender. É uma aposta na abertura para a especulação filosófica a partir da pluralidade em uma hermenêutica aberta e atenta à diversidade.

No artigo intitulado *Severino Ngoenha: liberdade e política no Moçambique contemporâneo*, Marçal de Menezes Paredes e Eduardo Felisberto Nuanaissa trazem para o debate o pensamento filosófico de um dos principais filósofos de Moçambique. A interpretação da obra ngoeniana problematiza a violência estrutural da sociedade no contexto pós-independência como manifestação da liberdade (mais uma vez) adiada. Trata-se de atentar para as diferentes manifestações de resiliência da violência não apenas no que tange à

memória da Guerra Civil (1976-1992) mas também no relacionamento entre Estado e Sociedade Civil.

Em *Agostinho da Silva e o conceito de Lusofonia*, Renato Epifânio discute a obra do filósofo português que tematizou o final do Império Lusitano na África enquanto necessária reproblemática de Portugal como história, cultura e como filosofia especulativa. Com Agostinho da Silva abre-se uma nova interpretação da lusofonia enquanto estratégia de convergência ente a escala lusófona (em diferentes continentes, em distintas culturas) e a escala europeia. Desta aproximação ou encontro surge, para o autor, a recomposição da atitude filosófica portuguesa.

Do que atrás ficou exposto fica fácil de perceber que este Dossiê está apto a novos entrelaçamentos e reflexões. Em diferentes apontamentos surge a constatação de que, à despeito das violências e persistentes iniquidades, urge a realização de um pensamento que se fecunde em diferentes frentes ou escalas de dispersão cultural e que burca, a partir da língua portuguesa usada e reusada diferentemente, o melhor alvitre do congraçamento, da liberdade e da paz entre os povos.

Boa leitura.

Os Organizadores